



OS PADRES CAPADÓCIOS E O CONCEITO DE *PERSONA*: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O SÍMBOLO NICENO-CONSTANTINOPOLITANO

*The Cappadocian Fathers and the Concept of Persona:
a Contribution for the Nicene-Constantinopolitan Creed*

Irineu Letenski¹

Marco Antônio Pensak²

RESUMO: Este estudo tem como principal objetivo apresentar a relação dos Padres Capadócijs – Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo – com o conceito de “*persona*” que, por sua vez, contribuiu para a formulação do Símbolo Niceno-Constantinopolitano e passou a ser utilizada pelo Papa Dâmaso I, no Ocidente. O texto mostra que para se chegar ao uso de “*persona*” para se referir à Santíssima Trindade, diversas disputas teológicas permearam todo o século IV, principalmente aquelas contra a heresia ariana. Foi necessária a proximidade dos Padres Capadócijs com a *sabedoria pagã* e, conseqüentemente, de todo o esforço linguístico que dela eles tomaram proveito, para chegarem à fórmula “*mía ousía – três hypostáseis*” e, assim, fazer uso do termo “*persona*” para os Três da Trindade.

PALAVRAS-CHAVE: Padres Capadócijs; Basílio de Cesareia; Trindade; *Persona*; Símbolo Niceno-Constantinopolitano.

ABSTRACT: The main objective of this study is to present the connection of the Cappadocian Fathers – Basil of Caesarea, Gregory of Nyssa and Gregory of Nazianzus – with the concept of “*persona*” which, in turn, contributed to the formulation of the Nicene-Constantinopolitan Creed and passed to be used by Pope Damasus I in the West. The text shows that to arrive at the use of “*persona*” to refer to the Holy Trinity, several theological disputes permeated the entire fourth century, especially those against the Aryan heresy. It took the Cappadocian Fathers’ nearness to *pagan wisdom* and, consequently, all the linguistic effort they took advantage of, to arrive at the formula “*mía ousía – três hypostáseis*”, and thus, make use of the term “*persona*” for the Three of the Trinity.

KEYWORDS: Cappadocian Fathers; Basil of Caesarea; Trinity; *Persona*; Nicene-Constantinopolitan Creed.

¹ Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: irineule@gmail.com

² Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e estudante de sagrada teologia na Pontifícia Università Gregoriana (PUG) de Roma, Itália. E-mail: marcopensak@icloud.com

Este estudo tem o objetivo principal de apresentar a relação dos Padres Capadócius com o conceito de “*persona*” que, por sua vez, contribuiu para a formulação do Símbolo Niceno-Constantinopolitano e passou a ser utilizada pelo Papa Dâmaso I, no Ocidente. Com efeito, é importante ressaltarmos que isso tudo se deu no século IV, um momento fundamental para o desenvolvimento cristológico e trinitário. Mais especificamente, isto significa dizer que a teologia dos Padres Capadócius norteou o contexto do Concílio de Constantinopla I (381), no qual o Símbolo Niceno-Constantinopolitano foi sendo concluído, e culminou com Papa Dâmaso em uma relação epistolar na qual fez uso do termo “*persona*”, em modo que começou a plasmar o Magistério da Igreja já nos tempos dos primeiros concílios trinitários.

Ora, quando levamos em consideração o desenvolvimento teológico no século IV, principalmente quando tratamos dos campos trinitário e cristológico, temos que necessariamente direcionar a nossa atenção ao Oriente cristão, especificamente aos Padres Capadócius: Basílio de Cesareia, seu irmão, Gregório de Nissa, e seu amigo, Gregório de Nazianzo. Eles foram fundamentais para elaboração de diversos esclarecimentos teológicos em um momento muito difícil para a fé ortodoxa, mas que triunfaram sobre os seus inimigos doutrinários por meio da definição do símbolo de fé que este concílio formulou.

Munidos destas considerações preliminares, pretendemos percorrer um itinerário que culminou com o uso do termo “*persona*” pelo Papa Dâmaso. Neste sentido, os nossos principais intuitos são: 1) O ambiente teológico do século IV; e 2) Os esclarecimentos dos Padres Capadócius sobre a teologia trinitária e a cristologia que contribuíram para a formulação do Símbolo Niceno-Constantinopolitano. Efetivamente, o que procuraremos deixar claro são as influências dos Padres Capadócius que incidiram sobre o I Concílio de Constantinopla, que definiu sobretudo a divindade do Espírito Santo; e o Sínodo de Roma, que reafirmou no Ocidente as resoluções conciliares.

1. O ambiente teológico do século IV

Pretendemos, neste primeiro capítulo, evidenciar a personalidade dos Padres Capadócius, nomeadamente: Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo, primeiramente de uma maneira geral e, posteriormente, com relevância aos principais aspectos que os envolvem no ambiente teológico do século IV, demonstrando

as inclusões destes Padres Gregos nas principais disputas teológicas da época, para que, no segundo capítulo, possamos compreender melhor a contribuição que tiveram para o uso do conceito de “*persona*” em referência à Santíssima Trindade.

1.1. Os Padres Capadócius

Sabemos, conforme Drobner, que Basílio, seu irmão, Gregório de Nissa, e Gregório de Nazianzo foram bispos na Capadócia, a região central da Ásia Menor, que atualmente é o território da Turquia, e este é o motivo pelo qual eles são justamente chamados de Padres Capadócius. Estes bispos são das últimas décadas da primeira metade do século IV e tiveram o seu apogeu na segunda metade deste mesmo século, principalmente com o Concílio de Constantinopla I, em 381, mesmo Basílio não estando mais vivo neste momento, pois havia falecido no ano 379³.

Segundo Sesboué, Basílio era o filho mais velho de uma família prestigiosa da Capadócia e que já tinha em seu seio a tradição cristã. A influência de sua família pode ser percebida pelo fato de possuir, além dele, mais dois bispos, os seus irmãos Pedro de Sebaste e Gregório de Nissa⁴. Isso também possibilitou a Basílio, de acordo com Moreschini, o acesso a uma educação de altíssima qualidade na própria Cesareia, posteriormente em Constantinopla, onde aprimorou o dom natural para a retórica com Libânio, e também em Atenas, por volta do ano 350, onde conheceu e fez amizade com Gregório de Nazianzo. Eles estudaram juntos aquilo que era mais estimado em sua época, ou seja, a retórica, a gramática, a filosofia, a astronomia, a geometria, a aritmética e a medicina⁵. Em 357, após retornar a sua pátria, Basílio foi batizado e buscou uma vida filosófica e, provavelmente influenciado por sua irmã, Macrina, a Jovem, compreendeu o valor do movimento monástico cenobítico e do ascetismo para a Igreja⁶.

Este valor comunitário pode ser confirmado na *Epístola I*, enviada por Gregório de Nazianzo a Basílio quando os dois ainda estavam ponderando a ordenação sacerdotal. Nela, Gregório pede perdão ao amigo por ainda não ter conseguido unir-se a ele em uma

³ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 276-277.

⁴ Cf. BASÍLIO DE CESAREIA. In: LACOSTE, J.-Y. (Ed.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014, p. 250.

⁵ Cf. MORESCHINI, C. *I Padri Cappadoci: storia, letteratura, teologia*. Roma: Citta Nuova, 2008, p. 32-33. (Tradução nossa).

⁶ Cf. MORISON, E. F. *St. Basil and his rule: a study in early monasticism*. Oxford: H. Frowde, 1912, p. 1-2. (Tradução nossa).

vida filosófica em que tudo estivesse em comum. Com efeito, após as ordenações sacerdotais de Gregório de Nazianzo e Basílio, que aconteceram provavelmente no ano 362, temos outras cartas em que o Nazianzeno escreve ao amigo sobre a relação amigável que se pode ter entre a própria vida sacerdotal e a busca contínua da filosofia, resultando daí o grande apreço e admiração por Basílio e o seu modo de vida. Tudo isso encerra também ensinamentos e ideais filosóficos e, neste sentido, Basílio era considerado um mestre, tanto de filosofia como de retórica, de acordo com a descrição do seu próprio irmão, Gregório de Nissa, no *Tratado sobre a virgindade*. Para Gregório de Nissa, Basílio era o único capaz de ensiná-las⁷.

Basílio foi consagrado bispo em 370, poucos anos antes da sua morte, mas que lhe possibilitou construir uma grande rede de influência com as virtudes e os valores que lhe eram caros. Em 371, consagrou seu irmão, Gregório de Nissa, que também teve formação retórica, como bispo de Nissa, uma cidade próxima a Cesareia. Dos três Capadócijs, Gregório de Nissa pode ser considerado, de maneira geral, como o filósofo pela sua produção antropológica. Todavia, a sua teologia é composta de grandes traços que podem ser observados em suas obras, como por exemplo, o *Contra Eunômio* e o *Discurso Catequético*⁸.

Em 372, depois de uma forte oposição, Basílio convenceu o amigo, Gregório de Nazianzo, e o consagrou bispo de Sásima com o objetivo de combater Antimo, o bispo ariano de Tiana⁹. O Nazianzeno também desfrutou de uma excelente formação, assim como Basílio, que possibilitou a ambos conhecer o futuro imperador Juliano nos tempos em que frequentaram a Escola de Atenas. Contudo, segundo Drobner, o Nazianzeno era dotado de uma sensibilidade maior que a de Basílio, o que o impossibilitava de enfrentar mais diretamente as dificuldades da política eclesiástica¹⁰. Por isso, a este Padre Capadócio, daremos um aceno maior nas páginas seguintes de nossa pesquisa porque estas dificuldades têm uma relação muito próxima com as disputas teológicas que envolveram o seu episcopado. Todavia, é interessante notar neste momento a sua notável produção literária, composta de poesias, pregações e cartas¹¹.

⁷ Cf. ROUSSEAU, P. *Basil of Caesarea: transformation of the classical heritage*. Los Angeles: University of California Press, 1998, p. 66-68. (Tradução nossa).

⁸ Cf. GREGÓRIO DE NISSA. In: LACOSTE, J.-Y. (Ed.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014, p. 785-786.

⁹ Cf. MORESCHINI, C. *I Padri Cappadoci: storia, letteratura, teologia*. Roma: Citta Nuova, 2008, p. 32-33. (Tradução nossa).

¹⁰ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 295-296.

¹¹ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 296.

Durante as suas vidas, os Padres Capadócius desenvolveram não somente o seu apostolado no sentido pastoral como bispos, mas também deixaram uma grande obra publicada tanto em filosofia e, sobretudo em teologia. Em outros termos, todos os três pressupõem a chamada *sabedoria pagã* ou a *sabedoria antiga* ou ainda a *sabedoria dos filósofos*. Eles dialogavam com esta sabedoria para tirar dela o que existia de melhor. Não há, portanto, entre os Padres Capadócius uma recusa ou um abismo intransponível entre a *sabedoria pagã* e a *sabedoria cristã*. É o que nós podemos ver, por exemplo, no *Discurso aos Jovens* de Basílio de Cesareia, no qual ele trata sobre como tirar proveito da literatura clássica¹². Também na obra *De Hominis Opificio* de Gregório de Nissa, quando ele recorre à ciência de sua época, mas também às Escrituras e ao pano de fundo neoplatônico que estava em vigor. É o que nós vemos também em Gregório de Nazianzo com os seus famosos cinco discursos teológicos, que tiveram uma importância capital no Concílio de Constantinopla I, nos quais, especificamente já no início do primeiro discurso, ele acentua a relação existente entre a filosofia e a teologia¹³.

Feitas estas considerações gerais sobre os Padres Capadócius, torna-se importante enfatizarmos que o momento em que eles viveram foi de grandes disputas teológicas, principalmente contra os arianos que possuíam o apoio do imperador Valente. É justamente isso que veremos a seguir.

1.2. As disputas teológicas

No século IV, havia muitas disputas teológicas porque o Magistério da Igreja ainda estava sendo plasmado. Especificamente, estas disputas diziam respeito à teologia trinitária e tinham em seu meio os Padres Capadócius e, principalmente, a heresia ariana que já tinha uma grande difusão no início desse século tanto no Oriente como no Ocidente. Antes de passarmos ao papel fundamental dos Padres Capadócius e a sua contribuição para o uso do termo “*persona*”, precisamos compreender ao menos um pouco o que esta heresia significou para o desenvolvimento doutrinário da Igreja.

¹² Com relação a temática da relação entre a sabedoria cristã e a sabedoria pagã, veja o artigo: LETENSKI, Irineu. A cultura cristã e a cultura pagã na perspectiva de Basílio Magno. *Basilíade – Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-67, jan./jun. 2019, doi: 10.35357/2596-092X.v1n1p53/2019. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/basiliade/article/view/28>.

¹³ Cf. GREGORIUS NAZIANZENSUS. *Discursos teológicos*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 19-27.

De acordo com Kelly, Ário e seus companheiros faziam o uso de quatro proposições lógicas para defenderem a sua premissa que afirmava tanto a singularidade como a transcendência absolutas de Deus, que é a *agennêtos arche* de toda a realidade. Estas proposições podem ser resumidas da seguinte maneira: a) o Filho é uma criatura *ex nihilo* do Pai; b) o Filho teve um começo justamente por ser uma criatura; c) o Filho não possui conhecimento direto do Pai; e d) o Filho está sujeito ao pecado¹⁴.

Apesar da anematização proferida pelo Concílio de Niceia e da elaboração do símbolo de fé em 325, a luta contra o arianismo, observa Kern, perpassou todo o século IV e, inclusive, esta heresia chegou a triunfar por um período significante da história, mas foi, sobretudo com os Padres Capadócijs, que ela foi vencida¹⁵. Neste aspecto, cabe destacar que, segundo Frangiotti, Basílio teve um papel fundamental. Ele buscava manter a unidade da Igreja defendendo a fé ortodoxa contra os arianos e macedônicos, sem deixar de lado o seu trabalho pastoral junto aos mais necessitados¹⁶. Com efeito, devido a esta sua convicção de manter a Igreja unida na fé ortodoxa, este Padre Capadócio seguia o Símbolo de Niceia, o que significa dizer que ele rejeitava a confissão ariana do imperador Valente¹⁷. Além disso, a partir das nossas leituras foi possível verificar o claro o posicionamento teológico comum entre os três Padres Capadócijs, isto é, o de defender a fé estabelecida em Niceia.

Kelly também observa, nesta mesma linha de Kern, e acrescenta que tais disputas teológicas eram tão acirradas que constantemente havia o exílio dos bispos ortodoxos de uma parte e dos arianos de outra parte. Tudo isso em uma relação direta com os imperadores do Ocidente e do Oriente. Um ponto a se destacar é quando sob o governo único de Constâncio (350-361), os arianos tiveram um grande destaque, mas isso também implicou na união dos nicenos que, entre 361 e 381, conseguiram de vez derrubar o arianismo e estabelecer a fórmula *homoousios* e confirmar a fé nicena no Concílio de Constantinopla I¹⁸.

¹⁴ Cf. KELLY, J. N. D. *Early Christian Doctrines*. 4. ed. London: Adam & Charles Black, 1968, p. 227-231.

¹⁵ Cf. HERESIA. In: LACOSTE, J.-Y. (Ed.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014, p. 815.

¹⁶ Cf. FRANGIOTTI, R. Apresentação. In: BASILIUS CAESARIENSIS. *Homilia sobre Lucas. Homilias sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 2014. (Patrística, 14), p. 14-16.

¹⁷ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 279.

¹⁸ Cf. KELLY, J. N. D. *Early Christian Doctrines*. 5. ed. New York: HarperOne, 1978, p. 237-240.

Realizadas estas considerações sobre as disputas teológicas do século IV, cabe-nos no próximo capítulo analisar de perto as contribuições dos Padres Capadócio para o conceito de “*persona*”.

2. O esforço linguístico dos Padres Capadócius

O nosso objetivo neste capítulo é de dar sequência à nossa pesquisa apresentando diretamente as contribuições dos Padres Capadócius para a teologia e, conseqüentemente, para o desenvolvimento e o uso do conceito de “*persona*”. Como vimos no capítulo anterior, o período em que eles viveram não foi um momento fácil, mas pelo contrário, foi de grande confusão e violência. Primeiramente, buscaremos enfatizar as contribuições de cada um dos Padres Capadócius separadamente, o que não significa dizer que necessariamente tudo se deu de uma maneira linear.

2.1. Basílio de Cesareia

Basílio de Cesareia foi um grande defensor da fé nicena e isso nós podemos notar nos seus dois grandes tratados dogmáticos, o *Contra Eunomium* (c. 360) e o *De Spiritu Sancto* (c. 374), e também no seu corpo epistolar de fato autêntico.

Em *Contra Eunomium*, que é composto em três livros, sendo cada um destes sobre cada uma das pessoas da Santíssima Trindade, Basílio, segundo Drobner, citando a própria *Apologia* de Eunômio, refuta todas as passagens que considerou mais essenciais. De maneira geral, no livro I, ele defende que o Filho, sendo gerado, é coeterno ao Pai e não uma criatura. Já no livro II, Basílio acentua ainda mais essa problemática entorno da geração do Filho, evidenciando que geração não significa dizer que houve um tempo em que o Filho não existia; e que o Espírito Santo não pode ser considerado como uma criatura do Filho. E, no livro III, este Padre Capadócio distingue as três pessoas da Santíssima Trindade em termos que não dizem respeito à substância, evidenciando que os nomes aplicados ao Espírito por si mesmos exprimem a natureza divina¹⁹.

Com efeito, o *De Spiritu Sancto*, segundo Drobner, é especialmente dedicado ao Espírito Santo. Nesta obra, Basílio versa sobre a honra que esta pessoa da Santíssima Trindade deve receber, isto é, aquela mesma que é prestada ao Pai e ao Filho; e isso se

¹⁹ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 282-283.

pode verificar quando ele emprega o termo “com o Espírito Santo” na doxologia, justificando a unidade de natureza entre as três pessoas. Cabe destacarmos que nesta obra, Basílio faz uso do *argumentum patristicum* e que até hoje possui validade²⁰.

Além desses tratados dogmáticos, Basílio estabeleceu um grande corpo epistolar. Ainda que algumas de suas cartas tenham a autenticidade duvidosa, vamos nos ater em duas delas nas quais conseguimos identificar a sua preocupação na equivalência dos termos *prósopon* e *hypóstase* para auxiliar no combate às heresias e também na própria clarificação da fé.

Por meio da *Epístola 210*, endereçada aos notáveis de Neocesareia, Basílio chama a atenção para o erro dos sabelianos que negam a preexistência do Unigênito por professarem o Pai, Filho e Espírito Santo e fazerem das três *hypostáseis* apenas uma. Nesta carta é interessante notar que Basílio faz uso do termo “*prósopon*”, mas não em relação direta aos Três da Trindade, mas como analogia para falar do que é particular²¹. Já na *Epístola 236*, endereçada a Anfilóquio, Basílio auxilia na distinção dos termos *ousía* e *hypóstase*. Ele explica a diferença entre os termos afirmando que a *ousía* está para o universal e que a *hypóstase* está para o particular. É assim que ele faz uma aplicação destes conceitos à Santíssima Trindade, ou seja, ele reforça a unidade, dizendo que é uma *ousía*, mas também mostra as três *hypostáseis*, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo e as suas características: paternidade, filiação e santificação. Em outras palavras, Basílio afirma que a divindade é o comum, o universal; e que paternidade, filiação e santificação são cada qual o particular²².

Para Milano, essa operação realizada por Basílio pode ser considerada como a verdadeira regulamentação da linguagem trinitária. Ele esclarece ainda mais a distinção de Basílio, afirmando que ele, desta maneira, evita as heresias do subordinacionismo e do triteísmo. A partir disso e das influências recebidas da Escola de Alexandria, especificamente de Orígenes, ainda que existam opiniões diversas, Basílio pode ter sido influenciado diretamente pelo neoplatonismo e, possivelmente, pelo estoicismo²³. Inerente a este embate de influências que o Bispo-monge teria recebido, o que queremos

²⁰ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 283-284.

²¹ Cf. BASILIUS CAESARIENSIS. *Epístola CCX*. Paris: J. P. Migne, 1885. (*Patrologia Graeca*, 31), p. 771-778. De agora em diante, para referências à *Patrologia Graeca*, utilizaremos apenas PG seguido do número do volume e das páginas.

²² Cf. PG 31, p. 883-884.

²³ Cf. MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 117-120. (Tradução nossa).

ênfatizar aqui é que ele cria, ou ao menos usa, a fórmula: “*mía ousía – três hypóstaseis*”²⁴ e isso se tornou fundamental para a teologia trinitária até os dias de hoje.

É interessante notar que antes de definir a sua fórmula, Basílio passa por um amadurecimento. Segundo Milano, isso é visível no *Contra Eunomium*, no qual ele faz uso dos termos *ousía* e *hypóstase* como sinônimos em referência à natureza humana, mas ainda assim é possível notar que ele faz uma tentativa de demonstrar a diferença entre *ousía* e o que caracteriza especificamente cada um dos Três da Trindade, que ele chama de *hypóstaseis*. Após este amadurecimento de Basílio, segundo Milano, temos a seguinte clarificação linguística: *ousía* como a essência ou substância divina do Deus único, aquilo que mantém a unidade; e *hypóstase* como aquilo que é particular em cada um dos Três da Trindade²⁵.

Com base nisto, podemos sustentar o papel fundamental de Basílio. Cabe-nos agora avançar em nossa pesquisa e verificar os desdobramentos da fórmula basiliiana em Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa.

2.2. Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa

Todo o esforço teológico de Basílio que demonstramos anteriormente só teve sucesso porque Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo o aprimoraram ainda mais. Sabemos, antes de mais nada, que Basílio tinha muita cautela no uso de alguns termos para manter a unidade da Igreja, mas que os outros Capadóciôs foram mais incisivos no uso justamente para purificá-la do arianismo.

Em Gregório de Nazianzo nós já percebemos uma certa equivalência entre os termos *hypóstase* e *prósopon* antes mesmo do segundo concílio ecumênico, isto é, na *Oratio 31*²⁶, que é o seu quinto *Discurso Teológico*, sobre o Espírito Santo; na *Oratio 33*²⁷, contra os arianos e sobre si mesmo; e na *Oratio 39*²⁸, sobre as luzes sagradas em referência aos neófitos que eram batizados na solenidade do Batismo do Senhor. Nestas pregações, de maneira geral e parafraseando-o, Gregório diz que alguns preferem chamar *hypóstase* de *prósopon*.

²⁴ MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 118. (Tradução nossa).

²⁵ Cf. MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 120-124. (Tradução nossa).

²⁶ Cf. PG 36, p. 141-143.

²⁷ Cf. PG 36, p. 233-236.

²⁸ Cf. PG 36, p. 345-348.

Nesta perspectiva, Milano faz um elenco de vários textos de Gregório de Nazianzo, nos quais ele demonstra sem hesitação as particularidades de cada *hypóstase* em uma só *ousía*. Mais uma vez, é nítido que aquilo que Basílio sistematizou no *De Spiritu Sancto* sobre a honra que se deve prestar e a dignidade do Espírito em igualdade ao Pai e ao Filho, Gregório reafirma sem sombra de dúvidas. Além disso, o Nazianzeno já começa a fazer um aceno à cristologia que será motivo de discussão nos concílios posteriores e, principalmente, em Calcedônia. Todavia, não nos ateremos a esta temática nesta pesquisa²⁹.

Gregório de Nissa, por sua vez, segundo Milano, faz uso da sabedoria pagã, da filosofia, especificamente do platonismo, para desenvolver ainda mais a fórmula de Basílio de uma *ousía* – três *hypostáseis*, mas, é claro, em uma perspectiva cristã destacando a unidade de operação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Com isso, o que na verdade se quer demonstrar é que a principal novidade dos Capadóciolos é o uso da linguagem para a definição e explicação de sua doutrina trinitária. Algo que ainda não havia sido feito com tamanha precisão, mas que mesmo assim não se finda, pelo contrário, abre um horizonte para novas reflexões e aperfeiçoamento ao longo do tempo³⁰.

Conforme já avançamos, toda a questão em torno da fórmula de Basílio, refinada por Gregório de Nazianzo e por Gregório de Nissa, teve o seu apogeu na disputa contra as heresias no Concílio de Constantinopla I, que é justamente o que veremos a seguir.

2.3. O Concílio de Constantinopla I e Papa Dâmaso

Todo esse empreendimento dos Padres Capadóciolos que vimos ao longo desta pesquisa precisava ser confirmado. De acordo com Drobner, em 379, o imperador Teodósio já havia definido a fé de nicena para todo o Império e no ano seguinte, tinha proclamado Gregório de Nazianzo como patriarca de Constantinopla. Todavia, se da parte do Império estava tudo a favor de Niceia, ainda era necessário a chancela da Igreja por meio de um concílio que, de fato, findasse com o arianismo e todas as suas variações. E é justamente isso que Teodósio faz entre 380 e 381, no qual mais de 150

²⁹ Cf. MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 125-128. (Tradução nossa).

³⁰ Cf. MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 128-132. (Tradução nossa).

bispos participaram. Basílio de Cesareia já havia falecido em 379, por isso, coube ao irmão e ao amigo defenderem a sua doutrina nesse concílio³¹.

No tocante à nossa pesquisa, cabe ressaltar que, segundo Milano, Constantinopla I endossou em seu símbolo de fé o empreendimento linguístico e conceitual desenvolvido pelos Padres Capadócijs que findou com qualquer dúvida que ainda se tinha e poderia alimentar as heresias³². Ainda que não venha mencionado no Símbolo Niceno-Constantinopolitano, é curioso notar que na *Oratio 42* de Gregório de Nazianzo, proferida no Concílio de Constantinopla I, há uma equivalência total entre os termos *hypóstase* e *prósopon*. Ele diz: “*Triam autem, quantum ad hypostases, sive personas, ut nonnulli malunt*”³³.

Com efeito, sabemos que as resoluções de Constantinopla I chegaram a Roma e em 382 o Papa Dâmaso, em uma correspondência endereçada ao Oriente, especificamente ao bispo Paulino de Antioquia, a partir de um sínodo organizado em Roma, confirma as resoluções do segundo concílio ecumênico. Nesta correspondência, conhecida como *Tomus Damasi*, evita-se usar o termo “*hypóstase*” e se usa pela primeira vez o termo “*persona*” para se referir aos Três da Trindade. O documento diz em seu vigésimo primeiro cânone dogmático: “Se alguém não disser que existem três verdadeiras pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, iguais, sempre vivas, que sustentam todas as coisas visíveis e invisíveis, tudo podem, tudo julgam, tudo vivificam, tudo criam, tudo salvam: é herege.”³⁴.

Além desta declaração, o Papa Dâmaso conclui seu ensinamento sinodal assim: “Esta, pois, é a salvação dos cristãos: que na fé na Trindade, isto é no Pai e no Filho e no Espírito Santo, e batizados nela, creiamos sem dúvida que dela é própria uma só verdadeira divindade e poder, majestade e substância.”³⁵.

³¹ Cf. DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 302.

³² Cf. MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996, p. 138-140. (Tradução nossa).

³³ PG 36, 475-478.

³⁴ “*Si quis tres personas non dixerit veras Patris et Filii et Spiritus Sancti, aequales, semper viventes, omnia continentis visibilia et invisibilia, omnia potentes, omnia iudicantes, omnia vivificantes, omnia facientes, omnia salvantes: haereticus est*”. SÍNODO DE ROMA. *Tomus Damasi*. In: DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015, 173).

³⁵ “*Haec ergo est salus christianorum, ut credentes Trinitati, id est Patri et Filio et Spiritui Sancto, et in eam baptizati veram solam divinitatem et potentiam, maiestatem et substantiam eiusdem esse sine dubio credamus*”. SÍNODO DE ROMA. *Tomus Damasi*. In: DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015, 177).

Por fim, desde o cânone dogmático e a partir da conclusão de *Tomus Damasi*, que acabamos de mencionar, podemos ver o uso explícito do conceito de “*persona*” que ajudou o Magistério da Igreja a plasmar e enunciar o seu próprio ensinamento.

Conclusão

Como vimos, os Padres Capadócijs fizeram da linguagem o seu campo de batalha. Eles não faziam o uso do termo “*prósopon*”, mas da palavra “*hypóstase*” para combater as heresias da época e acentuar a peculiaridade de cada um dos Três da Trindade. Os Capadócijs esclarecem, assim, que o conceito trinitário de pessoa se refere a Deus enquanto Pai, a Deus enquanto Filho e a Deus enquanto Espírito Santo. Não se trata, porém, de três deuses – e é isto que os Padres Capadócijs querem evitar –, mas de três pessoas distintas e de uma só natureza divina.

É justamente para não cair no triteísmo que Basílio, em suas correspondências epistolares, esclarece terminologicamente que a natureza divina comum, isto é, a *ousía*, era distinta de suas respectivas realizações, isto é, as *hypostáseis*. Como a Tradição acentuará: o Pai é o Criador, o Filho é o Salvador e o Espírito Santo é Aquele que santifica. Não se trata, portanto, de três deuses, nem de três modos distintos do Pai, mas de três pessoas distintas que, pertencendo essencialmente à mesma substância, têm a sua própria peculiaridade.

Explicitamente, a equivalência entre “*prósopon*” e “*hypóstase*” se deu com Gregório de Nazianzo. Todavia, todo o empreendimento realizado pelos Padres Capadócijs possibilitou o uso do termo *persona* pelo Papa Dâmaso para ser referir aos Três da Trindade.

Os Padres conciliares também tinham o objetivo de esclarecer como se deveria falar sobre a unidade de Deus-Logos com Jesus homem, sem perder a noção de unidade e sem desconsiderar a distinção de cada pessoa. Neste sentido, o Concílio definiu que o fazer-se homem do Logos não eliminava a plena humanidade de Jesus e, assim, ele era totalmente perfeito em todos os sentidos em uma única *hypóstase* – a divina. Porém, as discussões não se encerram no Concílio de Constantinopla I porque mais problemas surgiram e foram debatidos posteriormente no Concílio de Calcedônia (451).

Referências

- BASILIIUS CAESARIENSIS. *Epistola CCX*. Paris: J. P. Migne, 1885. (Patrologia Graeca, 31).
- BASILIIUS CAESARIENSIS. *Epistola CCXXXVI*. Paris: J. P. Migne, 1885. (Patrologia Graeca, 31).
- BASILIIUS CAESARIENSIS. *Homilia sobre Lucas. Homilias sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 2014. (Patrística, 14).
- DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015.
- DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GREGORIUS NAZIANZENUS. *Discursos teológicos*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- GREGORIUS NAZIANZENUS. *Oratio XXXI*. Paris: J. P. Migne, 1858. (Patrologia Graeca, 36).
- GREGORIUS NAZIANZENUS. *Oratio XXXIII*. Paris: J. P. Migne, 1858. (Patrologia Graeca, 36).
- GREGORIUS NAZIANZENUS. *Oratio XXXIX*. Paris: J. P. Migne, 1858. (Patrologia Graeca, 36).
- GREGORIUS NAZIANZENUS. *Oratio XLII*. Paris: J. P. Migne, 1858. (Patrologia Graeca, 36).
- KELLY, J. N. D. *Early Christian Doctrines*. 4. ed. London: Adam & Charles Black, 1968.
- LACOSTE, J.-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014.
- MILANO, A. *Persona in teologia: alle origini del significato di persona nel cristianesimo antico*. 2. ed. Roma: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996.
- MORESCHINI, C. *I Padri Cappadoci: storia, letteratura, teologia*. Roma: Citta Nuova, 2008.
- MORISON, E. F. *St. Basil and his rule: a study in early monasticism*. Oxford: H. Frowde, 1912.
- ROUSSEAU, P. *Basil of Caesarea: transformation of the classical heritage*. Los Angeles: University of California Press, 1998.